

O acesso ao material
Bibliográfico está
disponível apenas para
consulta local.

O Boletim Cenedom é destinado à difusão regular do acervo e das atividades do Cenedom, como estudos, pesquisas e publicações sobre museologia e sobre o campo museal.

Dúvidas ou sugestões, envie um email para cenedom@museus.gov.br

novidades • destaques • conheça +

Boletim Bibliográfico



Centro Nacional de
Estudos e Documentação
da Museologia



Nº 41/ Dezembro 2015

MUSEUS E PAISAGENS CULTURAIS

A Semana de Museus – <http://eventos.museus.gov.br/> –, evento promovido pelo Ibram durante a semana em que se comemora o Dia Internacional dos Museus (18 de maio), traz em sua 14ª edição o tema paisagem cultural, que evoca várias leituras e interpretações talvez por fomentar o diálogo entre áreas que há pouco eram vistas e entendidas de maneira dicotômica: patrimônio cultural e patrimônio natural. Somente em 1992 as *paisagens culturais* foram incorporadas ao rol de categorias de reconhecimento dos bens culturais pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO), refletindo justamente uma valorização da relação do homem com o meio ambiente.

No Brasil, o conceito foi adotado a partir de um instrumento de salvaguarda, denominado *Chancela da Paisagem Cultural Brasileira*, estabelecido pela Portaria nº 127 de 2009, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Conforme o art. 1º da referida Portaria, Paisagem Cultural Brasileira é definida como uma “porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores”.

Cabe destacar que a chancela, todavia, difere-se de outros instrumentos de preservação amplamente conhecidos como o tombamento, destinado à salvaguarda do patrimônio material, e o registro, destinado à salvaguarda do patrimônio imaterial, por não ser de caráter restritivo. Trata-se de um mecanismo legal recente, que carece de ações de monitoramento e levantamento de informações para avaliar sua real eficácia para deter ou barrar as descaracterizações dos bens aos quais visa proteger.

Entendendo também os museus como ferramenta de preservação de memórias e de bens nascidos das nossas marcas e valores no mundo – em citação direta à definição da Portaria nº 127 –, espera-se que as leituras propostas no presente Boletim Cenedom sejam um passo inicial para a elucidação de aspectos, imbricamentos e talvez conflitos existentes na relação entre **Museus e Paisagens Culturais**.

Boa leitura!

DESTAQUE

PAISAGEM CULTURAL E PATRIMÔNIO

RIBEIRO, Rafael W. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.



A paisagem cultural é um tema novo a ser explorado, e sua abrangência e desenvolvimento se dão paulatinamente em relação a outros conceitos referentes ao patrimônio cultural. O termo abarca a paisagem natural e a paisagem construída pelo homem, apresentando a intervenção humana arquitetônico-urbanística e seu entrelaçamento com a paisagem natural, valorizando-a. A presente publicação discute a relação paisagem/patrimônio, recuperando experiências internacionais ao analisar a construção do conceito de paisagem cultural e sua adoção como categoria de preservação. Seu autor procura compreender estratégias de atuação relacionadas a paisagens no contexto brasileiro, constituídas no campo da identificação e da preservação do patrimônio cultural. O livro colabora com a noção de que o conceito de paisagem cultural pode trazer novos horizontes de atuação e orientar novas práticas de preservação patrimonial, uma vez que seu escopo parte do reconhecimento das relações entre homem e meio ambiente numa perspectiva integradora, capaz de considerar as múltiplas relações tecidas ao longo do tempo entre essas duas esferas. Por isso, conduz à reflexão sobre as implicações que o museu, enquanto instituição de preservação de memórias, pode trazer e contribuir para a consolidação e o uso do conceito de paisagem cultural.

CONHEÇA +

CIRCUITO DAS CASAS-TELA, CAMINHOS DE VIDA NO MUSEU DA FAVELA

SILVA, Carlos Esquivel Gomes da; PINTO, Rita de Cássia Santos e LOUREIRO, Katia Afonso Silva (Orgs.). **Circuito das casas-tela, caminhos de vida no Museu da Favela**. Rio de Janeiro: Museu da Favela, 2012.



O Circuito das Casas-Tela é uma exposição permanente a céu aberto apresentada nessa obra de caráter coletivo, em que uma paisagem cultural, *lato sensu*, carioca, alinha-se a um processo museal de forma criativa. Intervenções de arte *grafitti* compõem parte de um território em que as protagonistas são as próprias pessoas residentes das comunidades Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, situadas nos morros de Copacabana e Ipanema, porções integrantes da cidade do Rio de Janeiro. Além dos depoimentos que cumprem a missão de comprovar o processo interativo de elaboração das intervenções artísticas com a comunidade, a obra revela sua proposta de modelo pactuado de gestão desse território musealizado. Estratégica, essa gestão considera aspectos ambientais, econômicos, museológicos e culturais como indissociáveis, enriquecendo o cotidiano de residentes com a presença de visitantes externos que passam a frequentar esses lugares como verdadeiros espaços expositivos/museais. A partir desse pertencimento e da relação de valores de sítio urbano e de paisagem é que a publicação nos remete ao entendimento do Circuito das Casas-Tela como um exemplo da estreita conexão entre espaço museal e paisagem cultural.

COMUNIDADE, PATRIMÔNIO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL / MUSEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

II Encontro Internacional de Ecomuseus / IX ICOFOM LAM. **Comunidade, Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável / Museologia e Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: Tacnet Cultural Ltda., 2001. Disponível em: http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/00.pdf.



As paisagens culturais, entendidas como porções do território dotadas de conexões singulares entre diversos elementos, se encontram entre os bens considerados de natureza complexa, pois sua preservação depende de novas práticas e instrumentos jurídicos. Preservar uma paisagem cultural pressupõe uma mudança de direção nos paradigmas a cerca do patrimônio, reconhecendo o território e as representações possíveis para a natureza como matrizes de uma identidade cultural, incorporando novas funções para a preservação, sobretudo no que tange aos conceitos de desenvolvimento sustentável e produção do espaço. Assim, as discussões sobre as práticas culturais e as narrativas identitárias, bem como a compreensão delas, devem constituir-se como uma das formas de preservação de um dado modo de vida e de uma paisagem – não apenas natural, mas essencialmente cultural, visto que funde essas características –, levando, conseqüentemente, à sua valorização. É nesses termos que se estabelece um dos pontos de maior proximidade entre os assuntos que compõem o tema desta edição do Boletim – museus e paisagens culturais: os ecomuseus e os museus de território. Este livro, por meio dos seus vários artigos (apresentados no II Encontro Internacional de Ecomuseus), descreve como os ecomuseus têm a comunidade local como parte indissociável do processo de preservação da sua memória coletiva e de afirmação da sua própria identidade, procurando definir a relação entre os habitantes e o meio. Estes, assim como os museus de território, seriam expressões literais de paisagens culturais aplicadas ao contexto da Museologia.

ONDAS DO PENSAMENTO MUSEOLÓGICO BRASILEIRO

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Ondas do pensamento museológico brasileiro**. Cadernos de sociomuseologia, v. 20, nº20, 2003. Disponível em: http://www4.unirio.br/museologia/textos/ondas_do_pensamento_brasileiro.pdf.



Os Cadernos de Sociomuseologia são publicados semestralmente pelo Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED) da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), tendo por objetivo o intercâmbio de trabalhos com outras instituições e o apoio à formação e investigação no âmbito dos programas de Mestrado e de Doutoramento em Museologia da referida Universidade. Nesta publicação, buscou-se fazer um levantamento crítico e sistematização do pensamento museológico a respeito de transformações pelas quais a Museologia passou – e vem passando –, notadamente desde Mesa Redonda de Santiago, de 1972. Esta Mesa Redonda, assim como muitos eventos que a sucederam, levantaram discussões com fins de conceituar o que viria a ser ecomuseu. A publicação traz o pensamento de alguns museólogos brasileiros que contribuem para a discussão desta edição do Boletim, como Waldisa Russio, Maria Cristina Bruno, Maria Célia Santos, Mario Chagas, Teresa Scheiner e Heloisa Barbuy. Esta última, ao apontar a concepção de objeto no âmbito dos ecomuseus, afirma que “O acervo (...) é ampliado, tanto no sentido de sua natureza como no de seu significado, abrangendo bens imóveis e territórios inteiros, além de espécimes vivos e de bens imateriais”. A noção de que estes museus são voltados para o ambiente no qual estão inseridos leva ao entendimento de que o território, os indivíduos (como população), o tempo e o patrimônio se inter-relacionam, ligando-se de maneira praticamente intrínseca aos significados da cultura ali desenvolvida. Fica então clara a conexão entre os museus – sejam ecomuseus ou outros modelos – e a paisagem cultural, como lugar e reflexo do homem que nela vive e interage, configurando seus modos de ser no espaço.

ARTIGO

PAISAGEM

DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. Paisagem. In: CARVALHO, Claudia S. Rodrigues de, GRANATO, M., BEZERRA, Rafael Z. e BENCHETRIT, Sarah F. **Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008.

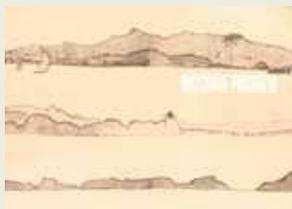


Em que pese o entendimento quase imediato de paisagem que cada um de nós possa ter, também ela apresenta plasticidade histórica, por ser inerente a significados atribuídos e continuamente reformulados por culturas, e por desenvolver saberes e fazeres, no dizer do autor, pretéritos, atuais e futuros. Panorâmico e erudito, o presente ensaio do arquiteto paisagista Delphim, reconhecido por sua contribuição no setor de Patrimônio Natural do IPHAN, coloca em perspectiva as inúmeras definições e percepções de paisagem. Formulada nas sistemáticas observações das ciências e nas subjetividades das artes, plásticas e sonoras, a paisagem se configura como uma complexa unidade de estudo. Uma vez eleita, ela conforma-se na e à fluidez das expressões literárias, ao mesmo tempo em que se vê normatizada pela legislação, desde a ambiental à cultural, cuja proteção executada por instituições públicas, pactuada com a sociedade, busca um único e humano fim: sua preservação face às degradações e aos danos que essa mesma sociedade pode lhe causar.

CATÁLOGO

RIO CIDADE-PAISAGEM

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Rio Cidade-Paisagem**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2012.



Museus podem ser percebidos como instrumentos fundamentais para os estudos urbanos contemporâneos, permitindo a investigação e a pesquisa da dinamicidade entre território, diversidades culturais estabelecidas no local e topografia. A depender do acervo, como os museus que preservam fotografias, pinturas, mapas e desenhos da cidade, é possível averiguar a integração entre paisagem natural e paisagem humanizada do ponto de vista da evolução histórica desses elementos. Pode-se analisar e constatar a relação entre transformações da natureza e da zona urbana não apenas diante da perspectiva histórica, como também, de um ponto de vista sociológico, passa a ser factível a compreensão das causas das transformações das paisagens culturais. Ou seja, a perspectiva histórica sobre as imagens facilita o apontamento de fenômenos, mas a análise sociológica sobre esses elementos pode ajudar a explicar o advento das transformações sobre o espaço urbano, apontando a interação natureza e zona urbana como predominantemente determinada pela ação social. Diante disso, é possível cruzar informações a respeito da paisagem física – e suas mudanças – com o desenvolvimento sócio-histórico regional dos costumes, dos valores, dos hábitos culturais e urbanos – como o lazer, a diversão, a locomoção, os espaços de interação –, da culinária, da arquitetura, etc. A presente obra – “Rio Cidade-Paisagem” – traz um registro extenso de mapas, desenhos, fotos, pinturas e outras publicações que fazem parte do acervo da Biblioteca Nacional e que compuseram a exposição que intitula a publicação, demonstrando as transformações paisagísticas e culturais pelas quais a cidade do Rio de Janeiro passou desde sua fundação, em 1565. As paisagens e informações trazidas nesse catálogo revelam que a mudança física na relação natureza/construção humana na cidade do Rio é fruto de muitas relações dinâmicas de fluxos, forças e agentes.

INFORMAÇÕES

O acesso ao material bibliográfico está disponível apenas para consulta local.

Dúvidas ou sugestões, envie um email para cenedom@museus.gov.br

Endereço:

SBN Q. 2 Lt. 08, Bl. “N” - Ed. CNC III – 1º Subsolo
(61) 3521-4201 email: cenedom@museus.gov.br

Horário de Funcionamento:

Segunda: das 13:00 às 18:00
De terça a sexta: das 09:00 às 18:00